

ESTREMOZ.

Esta villa é hoje muito importante, posto que já o fosse em 1258, tempo em que recebeu foral de D. Affonso III. Este rei conhecendo a bella posição em que a villa está situada, mandou construir o castello que ali existe.

Mais tarde Estremoz foi fortificada á moderna. Depois de 1640, pagina memoravel da nossa historia, nas guerras da independencia, não foi esta villa das ultimas a alistar-se nas fileiras dos defensores dos foros de Portugal como nação.

Estremoz dista seis leguas d'Evora, e pertence ao seu districto administrativo. É dividida em tres freguezias que são São Thiago, Santo Andre, e Santa Maria do Castello. O seu territorio é muito fertil.

A sua industria, porém, reduz-se á loiça, sobressaindo as bilhas, chamadas d'Estremoz, que são muito procuradas.

A rainha Santa Isabel, esposa d'el-rei D. Diniz, falleceu ahi.

Estremoz tem figurado quasi sempre nas nossas lutas intestinas.

### EPISODIOS DE UMA VIAGEM.

Continuação.

#### III

Que deliciosa vida não passa um official de marinha na estação naval da costa d'Africa! Dois, tres e mais annos, empregados em visitar a mortifera Benguella e o insalubre Novo-Redondo, Ambriz a traiçoeira, o Zaire negro e caudaloso, volvendo de tempo em tempo á capital de Angola, a presenciar

VOL. V — 3ª. SÉRIE.

a chegada do sargento relaxado que obteve a banda de alleres, do clérigo devasso que alcançou uma dignidade ecclesiastica, do vadio, que a familia expulsou de si, mas que vem provido n'um emprego rendoso. . . ao passo que o official de marinha sabe que nenhum premio tira das suas fadigas, que nenhuma remuneração tem a esperar dos serviços em que deteriora a sua saude, lutando com privações de todo o genero, vendo morrer das febres do paiz os seus companheiros de bordo, em quanto aguarda que lhe chegue a sua vez!

Assim fui eu-vivendo, durante mais de um anno, desde a milagrosa resurreição do senhor Pedroza a bordo da escuna Minerva, até uma calmosa manhã de julho, em que começou um novo episodio d'esta viagem, ou, se quereis, a continuação dos precedentes.

Um nevoeiro cerrado encobria a costa, que não podia estar longe, segundo os nossos calculos, e encurtava-nos o horisonte por todos os outros lados. O panno caia preguiçosamente sobre os mastareos, e o navio assentando o bojo ora de um ora de outro bordo, em monotona oscillação, sobre as aguas, erguia a espaços, junto ao costado, uma pequena vaga espumosa. Ao cabo, porém, de algumas horas de tão enfadonha expectativa, começou a levantar a neblina da parte do norte, e enxergámos áquelle rumo um elegante patacho, que fazia força de vela para a costa, aproveitando com todo o panno largo a fraca aragem que principiava a soprar em volta d'elle.

No mar, qualquer pequeno acontecimento abre campo a larga e animada conversação; por isso a vista do patacho despertou a gente do brigue do lethargo em que jazia. Varias conjecturas se fizeram

Outubro 4, 1856.

imediatamente ácerca d'aquelle navio, porém afinal inclinaram-se quasi todas as opiniões a que era traficante de escravos.

— Arria ao mar o primeiro escaler; arme-se a sua guarnição de pistolas e sabres; e aprompte-se um official para ir registrar aquelle patacho.

Esta ordem do commandante foi executada com velocidade e silencio; e d'ahi a poucos minutos largava o escaler, tripulado por onze marinheiros e um tenente da armada, fazendo força de remos na direcção do vaso suspeito.

Quatro milhas de oceano separavam as duas embarcações, e como a aragem que enfunava as velas do patacho era mais fresca do que o bafejo do teral, que tentava debalde encher o nosso panno, e além d'isso aquelle navio era mais leve do que o brigue, a distancia augmentava a cada momento, e a gente do escaler tinha que *rapar* para cumprir as ordens do commandante.

— Que horas são? perguntou o nosso chefe, que não arredava a vista de um excellente *Dolland*, seguindo os movimentos do escaler e do patacho.

— Nove horas, respondeu o official de quarto.

— Bem; das onze para o meio dia hade começar a viração, e até lá não tem tempo de nos escapar. Depois, como ficamos a barlavento, ainda que elle seja mais veleiro, não o perderemos de vista.

— A aragem que o patacho tem é falsa, disse d'ali um guarda-marinha; veja como vae acalmando; já o panno começa a bater.

— Famoso! exclamou o commandante; o escaler entra com elle... Se resistirão!?

— Qual! Resistem lá! não se tem visto como se entregam aos inglezes?

— A nós é diferente; porque os negreiros que aprisionamos são entregues aos tribunaes, em quanto que os inglezes os lançam em qualquer ponto da costa.

— O escaler entra muito com o patacho, bradou alegremente o mestre.

— D'esta vez temos parte de presa, accrescentou o commissario, com aquelle prazer de quem só frue os proventos, sem se arriscar aos perigos da empresa.

Uma espessa neblina occultou, pouco depois, á nossa vista, tanto o escaler como o patacho, e o receio de que a nossa gente podesse ser morta, se com effeito aquelle navio se destinava á escravatura, fez nascer em todos os corações uma anciedade cruel.

E assim passou mais de uma hora, sem que podessemos tentar coisa alguma a favor dos nossos camaradas.

De repente sentimos um tiro, não muito ao longe, e na direcção do patacho.

Foi um momento terrivel esse!... Mas a viração começava a apontar do sul...

A nossa gente seria salva ou vingada!

Chega, chega, viração!... Assim, assim, fresca... mais rija ainda... Sacode de sobre as aguas este nevoeiro, deixa-nos ver o patacho...

Eil-o! Com a bandeira portugueza içada, bordejando, com o escaler a reboque, em demanda do brigue!

— Está prisioneiro! exclamaram cem vozes ao mesmo tempo. E deixou-se tomar, tendo artilheria a bordo!

— O do patacho! bradou o commandante ruidosamente, com ajuda do porta-voz; que embarcação é essa?

— É o *Nereyda*, do Rio de Janeiro, respondeu o

nosso tenente, assomando a borda do patacho, que já estava muito perto do brigue; não traz papéis de bordo, que comprovem a sua nacionalidade e procedencia; e quanto a indícios de escravatura apresenta os baileos corridos, aguada assente, esteiras, gargalheiras, e celbas em abundancia.

— Muito bem. Navegue nas aguas do brigue, que vamos para Loanda.

Era mais de meio dia, e a terra não apparecia; nem ao menos o sol se mostrou para nos dar a latitude precisa do ponto em que nos achavamos. A *estima*, porém, indicava proxivamente a altura de Loanda, o que resolveu o commandante a aproar a leste, buscando avistar a costa ainda de dia.

Só ao sol-posto se enxergou uma arrumação de terra, mas tão *enfumaçada*, que nem os contornos das montanhas se podiam distinguir. Entretanto, um cabo mais saliente que avistamos, pareceu a todos ser o morro das Lagostas. Continuamos pois a navegar ao mesmo rumo.

E a noite estendeu em volta de nós o seu manto humido de neblina. Via-se aqui e ali o tenue bruxulear de uma luz atravez do espesso nevoeiro; e o vento principiava a refrescar. O brigue e o patacho corriam cinco milhas em cada hora, no meio da escuridade.

— Ferra joânetes! bradou o commandante, obras de papa-figos na mão!...

— Tres braças e meia! clamou o prumador, com o monotonno cantar do estylo, indicando o fundo em que navegavamos.

— Uma luz na prôa! gritou a vigia do castello.

— Terra por bombordo e por estibordo! accrescentou outro marinheiro.

Estavamos n'uma posição assustadora!

A luz, que o vigia annunciava, e que estava em terra, parecia tocar o pau da giba; por um e outro lado do navio, e a pequena distancia, prolongavam-se duas faxas de terreno, até além das alhetas, e ignoravamos completamente a posição em que nos achavamos.

O naufragio parecia imminente e inevitavel, porém o sangue-frio do commandante salvou-nos d'este mau passo.

— Ó do patacho! bradou elle, vira de bordo. Marinheiro, onde vae a prôa? accrescentou, fallando com o homem do leme.

— A lesnordeste, respondeu o timoneiro.

— Entrámos n'este sacco ao rumo de lesnordeste, sairemos com prôa de oes-sudoeste. Orça todo! Salto ás escotas de prôa! Carrega papa-figos! Ala e larga a ré...

— Tres braças escassas! clamou o prumador.

— Estamos salvos! Ala e larga á prôa..... Allivia o leme... Camba a escota á bujarrona... Amura o traquete!... Aonde vae a prôa?

— A oes-sudoeste.

— Andar assim. Aonde está o patacho?

— Não se vê.

— Venha uma tigelinha... Um tiro de peça... Vamos, sr. fiel d'artilheria.

— Prompto! prompto! respondeu o condestavel, fazendo arder a tigelinha, que inundou de uma luz sinistra o interior do navio e a atmospheria. — Rapaz! Dá fogo á terceira caronada de bombordo, continuou elle, dirigindo-se ao seu adjunto.

E o ribombo do tiro eccoou pelas quebradas dos visinhos montes.

Logo depois, appareceu outra luz pela prôa, e viu-se o patacho, com todo o panno largo, a alvejar

entre as sombras, semelhante a um phantasma de antiga ballada.

— Creio que estivemos na enseada do Bengo, disse o commandante, quando já tínhamos navegado uma hora, sempre ao mesmo rumo. Aquella ultima ponta de terra que se enxerga ao sudoeste, parece-me ser o morro das Lagostas.

— De boa escapámos! accrescentei eu; mas agora já sabemos aonde estamos, porque aquelle é, sem duvida, o morro das Lagostas. Cá nos fica o Cacuaço pela alheta.

— É certo. Vamos a orçar. Chega para os braços. Aonde vae a proa?

— Ao sudoeste-quarta-de-sul.

— Nada mais para o vento.—Toca cabos á maior. Vejam se o patacho nos segue os movimentos.

— Sim, commandante; já vem todo á orça.

Para não fatigar mais o leitor com termos de manobra, passemos em claro o resto da noite, e apresentemo-nos, ao romper do seguinte dia, ancorados no porto de Loanda.

O commandante foi logo para terra, com o capitão de presa, dar parte ao governador do succedido, e eu fui nomeado para ir tomar conta do *Nereyda*.

Figure-se o leitor qual seria o meu espanto, quando reconheci no triste capitão prisioneiro o nosso Carlos Antonio Pedrozo!

O homem era o meu *Cabrion*. . . a minha sombra!

E estava aterrado devéras o pobre capitão! O decreto de 10 de dezembro bailava-lhe na cabeça; via diante de si a grilheta e o barril que o esperavam no trem de Loanda. . . Mas nem por isso deixou de almoçar; e eu, como velho amigo, fiz penitencia com elle. Fiambre, salmão d'escabeche, sardinhas de Nantes, queijo de Chester, biscoitos americanos, compotas do Brazil, vinho da Madeira, e bom chá... tal foi a penitencia.

Animado pelo almoço, o sr. Pedrozo resolveu-se a contar o que passara desde o successo da *Minerva*.

Ora, não sei se o leitor sympathisa ou antipathisa com este pobre piloto, e se gosta ou não gosta de o ver apparecer tão a miudo n'esta narração. . . porém eu só digo a verdade, e a verdade é que o homem estava a bordo do *Nereyda*, lindo patacho e de muito bom pé, aprisionado por nós nos mares de Africa.

Tambem, não deve assustar-se com a promettida secção da historia do sr. Pedrozo, porque é muito curta; n'estes laconicos termos, pouco mais ou menos, m'a contou elle:

— Desde que nos encontrámos a bordo da *Minerva* tenho sido sempre feliz com os *catamusinhos*. Cinco viagens a salvo! . . . Duas d'estas, as ultimas, pertencem ao *Nereyda*; e não trazemos passaporte nem matricula, porque andamos ha sete mezes do Ambriz para o ponto, e do ponto para o Ambriz. Se escapo d'esta, estava a minha fortuna feita; mas a fatalidade não o quiz assim, e veiu logo entregar-me nas mãos de um cruzador portuguez! . . . Tambem, confesso-lhe, se a tripulação do escaler me não tem parecido ingleza, V... tinha que resar por alma do seu camarada e da marinagem que o acompanhava. Quando descobri o meu erro, já elles estavam senhores do navio; era muito tarde!

— O sr. Pedrozo é feliz, disse eu, para o consolar: não perca a esperanza

— Que esperanza me pode restar, em vista do decreto de 10 de dezembro! . . . A grilheta!

— A grilheta! repetiu o piloto, que almoçava connosco.

— A grilheta! murmurou o contra-mestre, que chorava á porta da camara.

O *Nereyda* foi julgado boa presa pelo tribuna! de Loanda: porém no mesmo dia desappareceram da fortaleza de S. Miguel, aonde estavam presos, o capitão, o piloto e o contra-mestre do navio, acompanhados pela sentinella da porta e pelo cabo da guarda. A nós, os apresadores, nenhum cuidado deu tal evasão, e recebemos do melhor grado o producto da venda do patacho, repartido entre toda a tripulação, na conformidade da lei das presas.

Depois proseguimos na monotona vida de cruzador de Africa, até que um quarto e ultimo episodio (ultimo, pelo menos, que eu d'esta vez conto ao leitor), veiu ainda interromper a uniformidade da nossa prosaica existencia.

Continua.

F. M. BORDALO.

## VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XVI.

Continuação.

O nosso conductor partiu de carreira, e subindo uma escada de caracol nos conduziu ao terraço, largo e plano, fechado por uma balaustrada magnifica, desembaraçado de chaminés, d'onde se vêem d'alto a baixo os pateos, o jardim e horta.

D'esta elevação toda a planta do edificio se comprehende n'um relance da vista. No centro avulta o zimbório, como um formoso templo d'entre os espaçosos muros de uma quinta real. É infinitamente superior, no que toca a desenho, ao resto do edificio, e pode de certo ser reputado como o mais esbelto, mais proporcionado dos que ha na Europa. D. Pedro e mr. Verdeil propozeram subir uma escada que vae ao lanternim ou claraboia; mas, eu pedi desculpa de não os acompanhar, e diverti-me durante a sua ausencia andando de uma banda para a outra, profundando de vez em quando a vista nos objectos que estavam lá tão em baixo, e frequentemente contemplando as torres, que resplandeciam com o brilho do sol, e o azul ferrete do mar ao longe. Uma viração fresca e balsamica, emanada dos pomares de laranja e limão, me recreava ao parar nos degraus do zimbório, e modificava o ardor da calma estiva.

Breve me tirou d'esta pacifica e desassomburada situação a confusa matizada de todos os sinos, seguindo-se-lhe uma complicada sonata, tangida com grande proficiencia. O marquez, que tambem subira connosco, de proposito para no proprio manancial gosar d'esta catadupa de sons que algumas pessoas chamam melodosos, quiz que eu me aproximasse para examinar o mechanismo; fiquei meio atordoado: sou, na verdade, pouco entendedor de carrilhões e sinos, e não tenho pena da perda de um divertimento de campanario; porém, o meu amigo, que herdou uma natural inclinação mechanica de seu pae, famigerado patrono de sinos e relos, investigou cada roda com miuda attenção. Acabada a sua revista, desemos innumeraveis escadas, e recolhemos a casa do capitão-mór, cuja jurisdicção se estende á tapada e ao districto de Mafra; tem sete ou oito mil cruzados por anno, e a sua habitação manifesta todas as apparencias de commodidade e abastança; o soalho é

coberto de esteiras finas, e as portas e janellas armadas com cortinas de damasco vermelho. As nossas camas, novas á estreia, estavam alastradas de cobertores de seda com ricas bordaduras e franjas; serviram-nos uma comida opipara, e muito melhor sobremesa do que os proprios frades nos poderiam ministrar, tomando o capitão-mór os pratos das mãos da longa serie de seus criados, e pondo-os elle diante dos convidados, inteiramente ao modo feudal.

Tomado o café apressámo-nos a ouvir as vespervas na igreja do convento; caminhando entre as ordens de capellas illuminadas fomos occupar assentos na real tribuna; e logo entraram os frades processionalmente, precedendo o abbade que subiu á cadeira prelatia, com uma fileira de sachristas a seus pés, e de conegos á mão direita; as vestes e paramentos eram de brocado de ouro. Cantou-se o officio com summa solemnidade ao formidavel som dos orgãos, pois que ha na igreja nada menos de seis, e todos de tamanho desmesurado. Acabado este, e novamente guiados pelo activo leigo, fomos conduzidos por uma escadaria magnifica ao palacio. Os aposentos occupam o espaço de seicentos ou oitocentos pés; e a quasi interminavel successão de portas magestosas, vistas em perspectiva, causa assombro; em pouco tempo cansados de meramente admirar concordámo-nos em que eram as casas mais enfadonhas e menos commodas que temos visto: não ha variedade na forma e pouca nas dimensões. Estando agora guardadas em Lisboa todas as colgaduras predominava geral nudez; nem um nicho, nem uma moldura interrompe a tediosa uniformidade das despidas paredes brancas.

Folguei da volta ao convento, e de refrigerar os olhos com a vista das pilastras de marmore e os pés pisando alcatifas da Persia. Por onde quer que andavamos, em cada cella, passagem, capella, sachristia ou sala, seguia-nos uma extraordinaria mistura de frades curiosos, sachristães, leigos, individuos da justiça e da clerezia, e casquilhos da terra com seus espadins e rabichos. Se acontecia fazermos alguma pergunta, meia duzia d'elles todos a um tempo afinavam os gasnetes para dar resposta. O marquez completamente molestado de andar de batida e com tanto tumulto, tentou por varias vezes esquivar-se á turba dando voltas rapidas ora para uma ora para outra parte; mas elles atrelados aos nossos calcanhares baldavam-lhe as diligencias, e engrossava o tropel a tal ponto que parecia estar varrido de seus moradores todo o convento e a povoação, para andarem atraz de nós por uma das sobrenaturaes attracções que lemos nos contos e romances.

Por fim, percebendo uma larga porta aberta para o jardim, saímos por ali de subito; embrenhando-nos em um labyrintho de murtas e loireiros, assim nos desembaraçámo-nos dos nossos perseguidores. A cerca, que terá obra de milha e meia de circumferencia, comprehende além de mattas de pinheiro bravo e de loireiros, alguns pomares de limão e laranja, e dois ou tres taboleiros de jardim mais cheios deervas que de flores; muito me desagradou achar este formoso recinto despresado tão miseravelmente, e suas viçosas plantas mirrando-se á falta de serem convenientemente regadas.

Podereis suppor que ajuntando um passeio nas principaes ruas do jardim ás outras nossas peregrinações começámo-nos a sentir-nos algum tanto fatigados, e não desgostámo-nos de descansar no aposento do abbade, até que de novo fomos convidados para a tribuna a ouvir cantar matinas. Cerrava-se a noite;

e os innumeraveis brandões acesos nos altares e por toda a igreja diffundiam já uma luz mysteriosa. Outra vez os orgãos tocavam em cheio, e as longas fileiras de frades e noviços vinham entrando a passos lentos e graves, o abbade reassumia o seu throno com igual pompa á das vespervas: o marquez resmoneava as suas orações, o grão-prior rezava pelo breviario, e eu embebi-me em vagos pensamentos por tanto tempo quanto durou o officio, isto é, quasi duas horas: Verdeil, semi-morto de enfadamento, não pôde aturar o calor da tribuna nem a nuvem de incenso que toldava o côro baixo, e foi respirar mais livre ar no corpo da igreja e capellas adjacentes.

Era perto das nove quando os frades, tendo cantado um solemnissimo e mui sonoro hymno em louvor do seu venerando patriarcha Santo Agostinho, largaram o côro; acompanhámo-nos a sua procissão pelas altas capellas e arcadas dos claustros, os quaes com a luz fraca parecia não terem tecto nem fim, até entrarmos n'um octogono, de quarenta pés de diametro, com fontes nos quatro principaes angulos; dispersando-se a lavar as mãos n'estas, os monges ordenaram-se outra vez em prestito, e passaram a dois e dois por um portal de trinta pés de altura para uma espaçosa casa, que communica com o seu refeitório por outra portada das mesmas elevadas dimensões; ali fez uma pausa a procissão, por ser logar dedicado á recordação dos finados e por isso se chama a casa *De profundis*. Antes de cada comida usam os monges estarem de pé em sisudas fileiras em volta do refeitório, silenciosos passando pela idéa quão precaria é a nossa fragil existencia, e deprecando pela salvação das almas dos seus predecessores. Não pude deixar de penetrar-me de reverencia vendo, á luz scintillante dos lampadarios, tantos vultos veneraveis, com seus habitos pretos e brancos, de olhos inclinados para o chão, e absortos na meditação mais espiritual e melancolica.

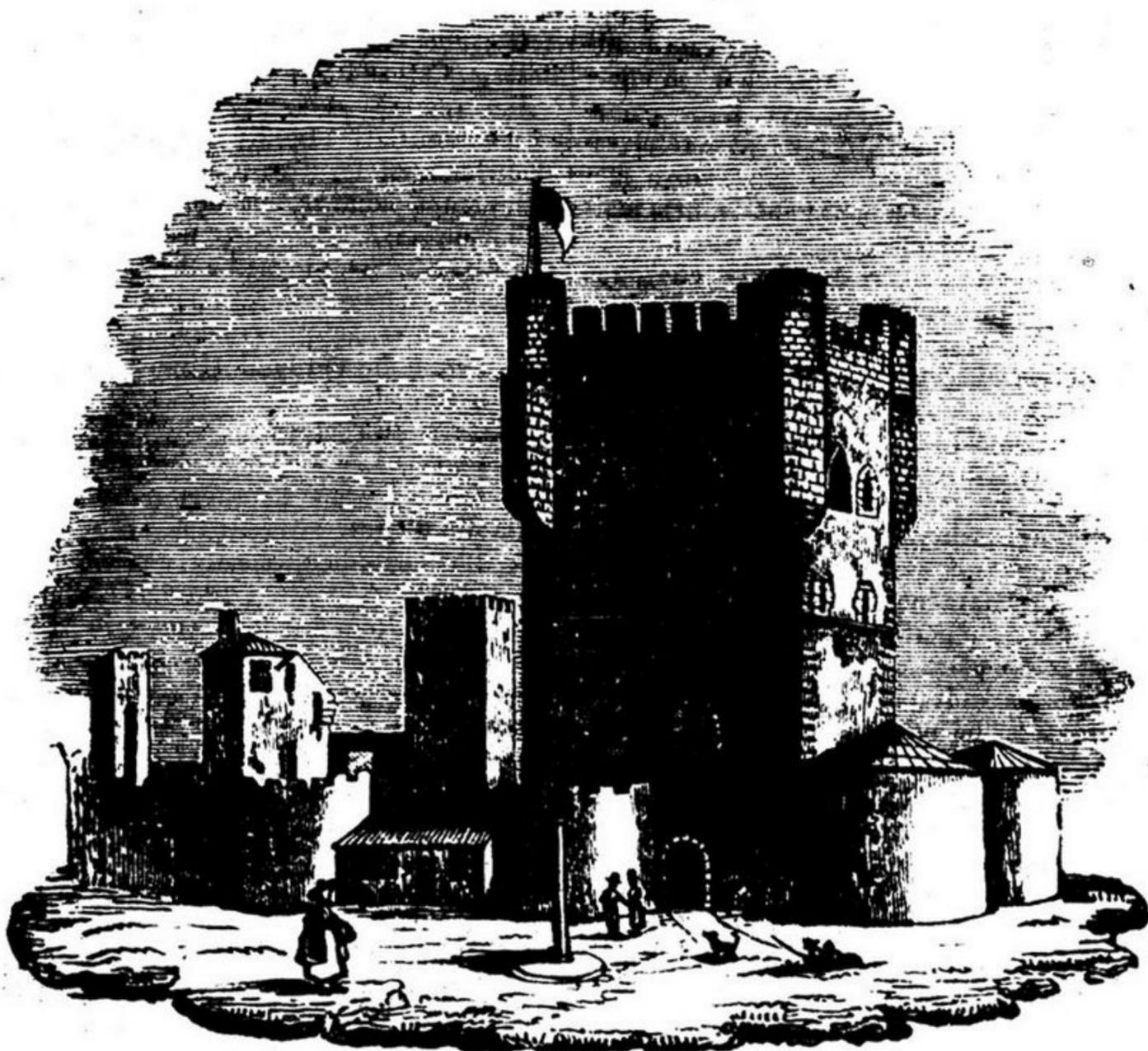
Findo o momento destinado a esta solemne rogativa, cada um tomou seu logar nas compridas mesas do refeitório, feitas de madeira do Brazil e cobertas com aivissimas toalhas. Cada religioso tinha sua garrafa de agua e vinho, seu prato de maçãs, e salada, postas diante de si; não havia manjar de peixe ou de carne, porque a vigilia de Santo Agostinho guardava-se com o mais rigoroso jejum.

Para gosarmos n'um lanço geral d'olhos este singular e magestoso espectáculo, retirámo-nos para o vestibulo anterior ao octogono, e alongámo-nos a vista por todas as portadas e os renques de candelabros até dentro do refeitório, que em razão de seu grande comprimento, nada menos de duzentos pés, simulava rematar em ponta. Demorando-nos alguns minutos a desfructar esta perspectiva, vieram depois quatro frades com tochas alumiar-nos até fora do convento, dando-nos as boas noites com muitas reverencias e genuflexões.

A nossa ceia em casa do capitão-mór foi assaz divertida; boa parte da noite, não obstante o nosso cansaço, estendemos a conversa acerca da variedade de objectos que nos passaram pelos olhos em tão curto espaço de horas, o reboliço das brutescas figuras quasi inseparaveis dos nossos calcanhares por tanto tempo e tão de perto, e a vivacidade achavascada do frade leigo.

M.

A injuria é recurso de quem não tem educação.



CASTELLO DE BRAGANÇA.

Se Bragança devesse a sua fundação a um Beigo-ry, que alguns autores fazem rei das Hespanhas, mil novecentos e seis annos antes da vinda de Christo, derivando d'ahi o nome de *Brigantia* que pela corrupção se mudou no actual, seria uma das mais antigas povoações do reino. Poucas lhe poderiam competir em antiguidade pois que teria sido reedificada por Augusto Cesar, que lhe chamara *Julia* em honra de seu tio, denominando se *Juliobriga* no dominio romano.

Não consta authenticamente quaes fossem os primeiros povoadores; sendo certo que a esta se pode applicar o que o padre Castro diz a respeito de muitas outras povoações antigas do reino, na segunda parte, capitulo primeiro do *Mappa de Portugal*:

« O certo é que dos tempos immediatos á primitiva fundação de Portugal até que as armas carthaginezas e romanas abriram o caminho á communicação das gentes occidentaes da Europa, não pode a historia dar um passo senão ás escuras e com a veemente suspeita de claudicar na verdade, porque alguns escriptores, fundados em documentos, ou apocriphos ou de pouca authenticidade e exame, constituiram em Hespanha e Portugal com demasiada e incanta crença o governo de alguns reis duvidosos, como foi Ibero, Jubalda, Brigo, Beto e outros, de que na historia verdadeira não ha menção. »

Bragança foi repovoada por D. Sancho I em 1187 e recebeu d'elle foral com grandes privilégios. Desde este reinado pertenceu sempre á corôa, até que por el-rei D. Fernando foi dada, com a villa do Ou-

teiro, em dote de D. Joanna Telles, irmã de D. Leonor Telles, a João Affonso Pimentel. Abraçando este mais tarde o partido de Castella, perdeu o seu senhorio, tendo em compensação a villa de *Benavente* que lhe deu D. Henrique III de Hespanha.

O dominio de Bragança foi dado a D. Fernando, filho illegitimo do infante D. João, neto de el-rei D. Pedro, passando depois a D. Affonso, conde de Barcellos, com o titulo de ducado.

Está situada n'uma vasta campina por onde corre o rio Fervença. Dista trinta e nove leguas de Braga, oitenta e quatro de Lisboa, e pouco mais d'uma da raia de Galliza.

O castello que a nossa estampa representa está assentado na villa. Acha-se arruinado, não é susceptivel de defesa, e apenas tem de notavel a sua antiguidade.

## UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A. A. X. R. CORDEIRO.

Continuação

II

Carlos vive ordinariamente na provincia, sciindo os bens de uma consideravel fortuna. Tem vinte e oito annos, é alto e admiravelmente bem feito: pal-

lido, olhos rasgados, bocca graciosa e fina, physionomia intelligente e aberta, cabellos e bigode negros. O seu unico defeito é a indolencia; essa domina-o a ponto de não ter feito conhecido o seu nome na imprensa, por preguiça de escrever. Entre a morte imminente e uma grande fadiga, talvez se resolvesse pela primeira. Fora d'isto, não ha ninguem melhor, nem mais affavel, nem mais honesto, nem mais generoso, nem mais valente.

No principio d'esta primavera, Carlos chegou a Lisboa. Um dia o horisonte appareceu desassombrado e risonho; no ar respirava aquelle perfume salutar e agradável da estação das flores. Os dias antecedentes haviam sido chuvosos e carregados: o inverno terrivel. Carlos conseguiu vencer a sua querida indolencia e resolveu-se a fazer um dia de campo. Metteu-se no carro, e disse ao cocheiro que se dirigisse ao sitio de... isto é, para uma vivenda de recreio das mais bellas dos arrabaldes de Lisboa.

O seu espirito estava n'uma singular disposição. O campo, as flores, o perfume das veigas, o canto alegre e variado dos passaros, despertavam-lhe no espirito sensações agradaveis e dolorosas ao mesmo tempo, acordavam-lhe na alma os puros sentimentos da primeira quadra da juventude.

Entrou sósinho por uma das alamedas onde as olaias se cobriam de rubor como envergonhadas de terem visto florir mais cedo a amendoeira, e onde os rouxinoes improvisavam inspiradas e melancolicas estrophes. Apenas havia dado alguns passos quando sentiu sobre a direita o ranger de sedas, e o murmuro de algumas vozes feminis.

O coração bateu-lhe alvoroçado como o de um rapaz de quinze annos quando se encontra diante da mulher cujos olhos lhe acenderam n'alma a chamma do primeiro affecto. Riu-se interiormente do seu estado de pieguice sentimental, e continuou na digressão bucolica. Ao voltar da alameda deu de frente com a familia do commendador L. . . . sua antiga e intima conhecida. Saudaram com prazer aquelle imprevisto apparecimento, e instaram-o para que os não abandonasse na sua partida campestre.

N'este momento as mesmas vozes que tinha escutado atravez das arvores que orlavam a rua por onde passara, sentiu-as junto de si. Era uma das filhas da familia com quem se juntara, e Beatriz.

Carlos ouvira faltar muitas vezes d'ella, mas não lhe fallara nunca. É tempo de fazermos o seu retrato.

Beatriz tinha dezeseis annos apenas. Era baixa talvez, porém de tal modo proporcionada e bem feita, que á primeira vista parecia alta. Olhos de uma cor indefinida, porque não eram pretos, nem castanhos, nem azues, nem verdes; havia n'elles um mixto, um cambiante de cor impossivel de descrever. As rosas da plena juventude affrontavam-lhe as faces, onde respirava a felicidade e a innocencia. A bocca breve, graciosamente recortada e vermelha, os dentes admiraveis, cabellos loiros escuros, finos e um pouco annelados.

Beatriz viera passar o dia com a familia com quem Carlos tinha relações. Foi-lhe apresentada. A ingenua menina corou excessivamente, na occasião em que elle lhe dirigiu algumas palavras de mero cumprimento. Depois fez-se pallida como um lyrio, e firmou-se no braço da sua amiga, que lhe disse o que quer que fosse em voz baixa, e com sorriso malicioso.

Carlos pareceu-lhe o sol mais brilhante, o perfume das flores mais vivo, o canto das aves mais ale-

gre, e principiou a fallar a respeito de tudo com certa volubilidade que lhe não era ordinaria.

O commendador pediu-lhe que desse o braço a Beatriz. Carlos dirigiu-se a ella.

Um tremór rapido, mas forte, agitou a encantadora menina. Carlos ficou perplexo; a torrente da sua eloquencia estancou-se de subito, e ambos caminharam alguns momentos calados.

Por mais que procurasse não achava uma phrase, elle, cuja conversação facil e elegante todos admiram.

Porfim rompeu o dialogo por uma banalidade propria de um rapaz que sae do collegio.

— Está o dia tão bonito!

— É verdade.

— Gosta do campo?

— Immenso.

— Não sei como ha quem possa ficar na cidade n'um dia d'estes.

— Mas segundo me consta, desde que veiu da provincia ainda não tinha saido de Lisboa.

— Os dias tem estado tão maus!

— O inverno foi terrivel.

— Por isso mesmo a primavera deve de ser mais agradável.

— Não tem ido aos bailes?

— A nenhum.

— E conta ir ao d'esta noite?

— Faço tenção.

— Tambem eu.

Parece-me que não ha dialogo mais ingenuo, nem mais cortado do que este.

— Diga-me, tenciona demorar-se muito tempo em Lisboa? disse Beatriz com voz um pouco mais tremula.

— Até ao principio do verão, o mais tardar.

— Em chegando essa epoca abandona sempre a cidade; tambem tem razão, faltam todos os divertimentos. . .

Carlos achava-se de uma estupidez inqualificavel: appellava para o ceo, para a terra e para as flores; mas debalde, porque não encontrava uma imagem nem uma expressão feliz. Trásbordavam-lhe no coração os sentimentos, mas não sabia traduzil-os em palavras; resolveu-se por um supremo esforço a dizer isto mesmo a Beatriz.

Chegavam n'esse momento a uma pequena eminencia d'onde se descobria um variado e lindissimo panorama.

— Que bonita vista, disse Beatriz fitando os olhos fascinados no mancebo.

— É verdade; admiravel. Ha dias, não sei se lhe succede o mesmo, minha senhora, em que o aspecto da natureza, risonho e bello como é hoje, nos produz uma tal impressão, que não podemos bem definir. Parece que a alma, avara do que sente, quer guardar o segredo da sua felicidade.

«O ceo, o campo, as flores, fallam-nos, por assim dizer, uma linguagem desconhecida, que só o coração entende, mas que não pode traduzir-se em palavras. Vendo-me frio e indifferente na apparencia, talvez julgasse que era um d'estes homens destituídos de todo o sentimento, que passam a vida olhando com desdem para tudo que pertence ao mundo da imaginação; e classificando como loucura e ridiculo o que é exclusivamente o bem, e a existencia dos espiritos delicados.

Depois d'esta tirada digna de qualquer Werther em formato trinta e dois, Carlos olhou para Beatriz, e viu os seus olhos cravados n'elle com uma expressão infinita de intimo contentamento.

Animado por ella, o mancebo proseguiu:

— Vamos, não era esta a idéa que tinha de mim? não me suppunha destituido de toda a sensibilidade!

— Não, posto que fosse essa a opinião das pessoas com quem tenho fallado a seu respeito.

— Pelo que vejo não lhe era completamente desconhecido.

Beatriz fez-se vermelha como uma rosa de cem folhas, e baixando os olhos respondeu:

— Conhecia-o ha muito tempo.

N'este instante, a filha do commendador, e varios personagens que se aproximavam vieram pôr termo ao dialogo.

Continua.

BULHÃO PATO.

## CHRONICAS MONASTICAS.

### II

#### DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

#### Cruzeiro da igreja.

Achava-se esta capella mui bem provida de ricos ornamentos, assim frontaes, como casulas, de todas as côres adoptadas pela igreja. Tinha muito boa roupa branca, e admiravam-se as suas alvas por perfeitissimas tanto pela materia que era de cambraia, como pelas rendas e feitio.

Correspondente á capella de S. Francisco Xavier havia outra de S. Francisco de Borja. Não tinha dono, porque foi reservada pela condessa fundadora para sepultura de seu irmão Francisco de Sá.

Tinha retabolo de talha muito bem lavrada, e que podia correr parellas com o fronteiro. A banquetta do seu altar podia fazer inveja ás outras existentes na mesma igreja, posto que muito boas. Da altura da banquetta para baixo servia de pedestaes ao retabolo uma obra prima de pedraria, toda do reino, e muito perfeita.

O primeiro corpo do retabolo tinha duas columnas por banda, salomonicas, e de obra corinthia. Entre as columnas havia um grande nicho, e n'elle a imagem do santo, de estatura natural, olhando para uma caveira que segurava na mão esquerda.

No outro corpo do retabolo, que ficava superior ao nicho, via-se em um grande painel o santo dizendo missa, e na acção de levantar a hostia.

Sobre este painel se via, no corpo que seguia ao retabolo, obra varia com que rematava sem desdizer da grandeza e formosura do cruzeiro.

Aos lados das capellas havia de cada parte dois grandes pilares, com as bases e os capiteis eguaes aos que ficavam no corpo da igreja.

Do mesmo modo que nos entre-pilares do referido corpo da igreja se entrepozeram almofadas de pedra de diversas côres, egualmente se adornaram com ellas os entre-pilares do cruzeiro, porém com diverso feitio.

Depois de cada cinco almofadas que havia n'estes entre-pilares se seguia uma cimalha, sobre a qual tinha logar um nicho com a imagem de um apóstolo, de marmore branco. D'estas imagens ainda hoje se vêem algumas no pateo que dá entrada para a porta principal do hospital de S. José, e outras exis-

tem mutiladas dentro do recinto da arruinada igreja, parecendo-nos que com pequeno despendio se podiam compor e aproveitar.

Sobre o referido nicho seguiam-se mais quatro almofadas, e assim ficavam sendo nove as que havia em cada entre-pilar.

No entre-pilar mais proximo á entrada da capella mór, se metteram tambem cinco almofadas da mesma forma das outras que estavam assentadas aos lados das duas capellas; e sobre as primeiras cinco corria a cimalha dos entre-pilares visinhos á capella. Por cima d'ella tinham logar dois nichos com outras duas imagens de apóstolos. E por cima do ultimo nicho havia outra almofada.

Sobre este entre-pilar levantava-se o arco superior ao da entrada da capella mór. No centro do dito arco que olhava para o cruzeiro tinha logar o escudo das armas da condessa fundadora, com côres proprias, e a corôa coberta de oiro. Nove almofadas ficavam de cada parte do arco, eguaes ás do entre-pilar em que elle se fundava.

Sobre os capiteis que ornavam os pilares do cruzeiro seguia-se a mesma obra da alquitrave, friso, e cornija, sustentada de cachorros lavrados com meias cannas, que corriam por toda a igreja, e corriam por todo o cruzeiro e lados da capella mór.

Superiores a cada uma das duas grandes capellas havia tres janellas, que serviam de dar luz ao cruzeiro. Estas janellas levantavam-se sobre a cornija á altura de mais de seis palmos; e nas paredes que se seguiam ás ditas janellas se metteram tambem algumas almofadas, variadas egualmente com marmores de diversas côres.

Havia no cruzeiro quatro portas grandes. Por duas d'ellas, que ficavam no meio das duas vias-sacras, correspondendo ás duas da sacristia, era a serventia para a igreja.

Pelas outras duas que lhes correspondiam fronteiras, era a passagem do cruzeiro para as capellas do corpo da igreja, e para os pulpitos que estavam antes de entrar na primeira capella de cada lado.

Sobre cada uma das ditas portas havia duas tribunas, que ficavam olhando para o cruzeiro; das quaes, duas tinham a mesma serventia usada para as tribunas do corpo da igreja; eram da mesma altura, e com as obras em tudo semelhantes, não tendo outra differença senão serem menos largas, e por isso constarem só de cinco balaustres, quando as outras tinham seis.

Por baixo d'estas tribunas havia outras mais pequenas e quadradas. E a estas duas tribunas correspondiam da parte da via-sacra outras duas em tudo eguaes: vindo a ser oito as tribunas que caíam sobre o cruzeiro.

Debaixo do zimborio havia no pavimento um espaço ornado de pedras brancas, pretas e vermelhas. O pavimento diante das duas capellas era em tudo semelhante.

No resto do cruzeiro estavam dispostas as sepulturas para os religiosos que falleciam no collegio. Constavam de duas pedras brancas eguaes na grandeza, guarnecidas de facias de marmore vermelho, e com outra que ia pelo meio pareciam dois quadrados eguaes.

O zimborio tinha principio sobre quatro arcos, um dos quaes ficava na entrada do cruzeiro, ao qual correspondia outro antes de chegar á capella mór. E a estes dois arcos eram em tudo eguaes outros dois que tinham logar da parte das duas capellas grandes: unindo-se estes finos arcos com uns seguintes

de marmore grande, formando o grande circulo em que se sustentava o peso todo da machina do zimbório, que era extraordinario pela circumferencia, altura e grossura das paredes, que pela parte de fóra eram cobertas todas de pedra de cantaria, e pela de dentro vestidas de marmores de diversas côres, com muita obra nas bases, pedestaes, entre-pilares, misulas, molduras, e resaltos.

Antes de se chegar ao corpo e andar das oito grandes janellas, que no mesmo zimbório havia, ficavam a prumo d'ellas dois andares de paineis de marmore lavrados, divididos no primeiro corpo uns dos outros por duas misulas de marmores brancos.

Uma cimalha dividia um corpo do outro, correspondendo no segundo, aos oito paineis do primeiro, outros tantos com diverso feitio.

No terceiro corpo rasgavam-se oito janellas, fechando em um arco, e entre cada duas janellas havia dois pilares com embutidos, rematados com capiteis de marmore branco de Genova.

Nos entre-pilares sobresaía uma peanha, que sustentava o vulto de um santo, e por baixo de cada peanha um seraphim.

Nos arcos das janellas, nos pilares em que se fundavam, e em todo o vão d'ellas descobriam os olhos varios e perfectos embutidos: e por cima das janellas e seus entre-pilares seguia a cimalha real sustentada em cachorros de marmore vermelho.

#### Capella mór.

Das pedreiras visinhas a Lisboa se tirou a pedra, que depois de bem lavrada e brunida se assentou na capella mór.

Sobre pilares se levantava o arco que dava entrada para a capella. Os pilares tinham duas faces, uma caindo sobre o cruzeiro, e a outra para dentro da capella. Rematavam-se em perfectissimos capiteis.

Aos ditos pilares e capiteis correspondiam outros terminando o comprimento de cada lado, que vinha a ser sessenta e tres palmos.

No meio do comprimento do lado do evangelho se fez um arco com as devidas dimensões para se collocar o tumulo da condessa fundadora, D. Philippa de Sá.

Bem no meio do espaço que corria do arco ao pilar que dava principio á capella, se via um nicho que fechava em arco, forrado pela parte interior de marmore vermelho, e ahí assentava a imagem d'um evangelista. Serviam de base ao nicho boas almofadas de marmore preto e vermelho, ficando a base entre dois pedestaes, sobre que assentava de cada lado do nicho, um pilar de pedra branca lavrada, com seu capitel, e pela parte de cima sua alquitrave, friso, e cimalha.

Este era o primeiro corpo; e por cima d'elle seguiam-se base e pedestaes, sobre que assentavam outros dois pilares lavrados, com capiteis. Estes pilares acompanhavam a janella que ficava a prumo do nicho.

Sobre o arco que recolhia a sepultura da fundadora havia um nicho forrado de marmore vermelho, e dentro d'esse nicho estava a imagem de S. Pedro, em marmore branco de Genova.

Sobre este nicho, e á janella que assenta sobre cada um dos ditos lados seguia-se alquitrave, friso, e cimalha resalteada. Superior a esta obra corria a cimalha real ou cornija, sustentada por cachorros, como no corpo da egreja e cruzeiro.

Toda a obra da parte da epistola correspondia exactamente á do evangelho.

Sobre a cornija começava a levantar-se a abobada da capella mór. Marmores brancos, pretos e vermelhos, a variavam.

A sepultura da condessa fundadora foi feita com marmores de Estremoz, Montes-Claros, serra da Arrabida, pretos de Cintra, e brancos de Genova.

Assentava o seu tumulo em uns pés de quatro marmores de cinzento claro. Em cada um d'estes marmores se viam tres faces de leão, em meio relevo, apresentando cabeça, rosto, e patas.

Sobre estes elevava-se um marmore da Arrabida, lavrado em galhões. Era a base em que descansava a caixa de marmore branco d'Estremoz. No meio da caixa estava um marmore preto, com o seguinte epitaphio em letras de metal doirado:

«Hoc mausoleo condita spiret ad huc  
«illustrissima D. D. Phelippa de Sa Comes  
«de Linhares, cujus sierga Deum, ac sanctum  
«Ignatium pietatem, ac munificentiam  
«quaeras, hoc templum suspice, illud cum  
«posuit, aeternum utriusque exegit  
«munumentum. Obiit postridie Kalendas  
«Septembris, 1618.»

Por cima do dito corpo que terminava n'outra pedra tambem da Arrabida, seguia-se outra caixa igual á primeira, de marmore branco de Estremoz, porém lavrada differentemente e com primor. No meio d'esta apparecia novo marmore preto, ao qual estava encostado um anjo em relevo, em corpo inteiro, sustentando o escudo das armas da condessa. Estas armas eram tambem de marmores de côres proprias ao brazão.

Ainda havia terceiro corpo, que constava de marmore branco d'Estremoz, com outra almofada de marmore preto no centro. Aos lados d'este corpo, assentados sobre a moldura, se via de cada parte a figura de um menino de relevo inteiro, em marmore branco de Genova. Tinham estas figuras o cotovello encostado sobre uma caveira, tambem de marmore branco, e para ella olhavam com semblante triste.

Seguia-se o ultimo corpo. Era uma pedra branca de Estremoz, acompanhada de cada lado por uma urna cineraria de marmore de Montes-Claros, com uma pedra cor de fogo, que figurava a chamma saída da urna.

Rematava toda a obra por uma almofada de marmore de Montes-Claros, e sobre a almofada estava assente uma corôa de metal doirado.

Ao cabo de quarenta annos de feita esta capella, mandaram os padres revestir-lhe os pilares que sustentavam o arco com almofadas, e as paredes, tecto, nichos e janellas, com finissimos embutidos. Só nos pilares se assentaram vinte e seis almofadas, e no arco e sua volta sobre o pavimento trinta e seis.

N'essa occasião tambem se fez uma escada de cinco degraus na capella mór. Eram de marmore vermelho, e na face de cada degrau se embutiram umas rosas. O primeiro degrau que ficava no pavimento da capella era tão largo, que para egualar a largura da mesma, não lhe faltavam de cada lado quatro palmos. Os outros que iam subindo para o pavimento dos presbyterios se recolhiam mais para dentro. Ao lado do ultimo degrau, eram ornados os presbyterios por tres pilares, sustentando o frechal de ebano. Os balaustres eram torneados e egualmente de ebano.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.